

**Trabalhadoras Domésticas na Tv: análise das representações em telenovelas<sup>1</sup>***Trabajadoras del Hogar en las Telenovelas: análisis de representaciones en telenovelas**Domestic Workers in TV: analysis of representations in soap operas***Lorena Esteves****Camila Leal****Danila Cal****Rosaly Brito**

**Resumo:** Investigamos as representações de trabalhadoras domésticas em telenovelas da TV Globo, antes e após a promulgação da PEC das Domésticas (66/2012). Analisamos as novelas “Avenida Brasil” (2012), “A regra do Jogo” (2015) e “A Dona do Pedaço” (2019), identificando como são construídas as personagens das trabalhadoras, os contextos sociais, bem como as relações de poder e questões interseccionais, considerando que as novelas são centrais na tematização das realidades socioculturais brasileiras. Como aporte teórico, trabalhamos com Telenovelas (MATTELART, 1989; LOPES, 2003; HAMBURGER, 2011), Interseccionalidade (hooks, 2015; DAVIS, 2016; CRENSHAW, 2004), Relações de Poder (CAL, 2016) e a mulher negra na sociedade brasileira (GONZALEZ, 1984; CARNEIRO, 2015). Os resultados apontam para a reprodução de estereótipos, invisibilidade interseccional e tensionamentos nas relações de poder entre patrões e trabalhadoras.

**Palavras-chave:** Telenovelas. Interseccionalidade. Relações de Poder. Trabalhadoras Domésticas.

**Resumen:** Investigamos las representaciones de las trabajadoras del hogar en las telenovelas de TV Globo, antes y después de la promulgación de PEC das Domésticas (66/2012). Analizamos las telenovelas “Avenida Brasil” (2012), “A Regra do Jogo” (2015) y “A Dona do Pedaço” (2019), identificando cómo se construyen los personajes de los trabajadores, los contextos sociales, así como las relaciones de temas de poder e interseccionalidad, considerando que las telenovelas son centrales para la tematización de las realidades socioculturales brasileñas. Como aporte teórico, trabajamos con Telenovelas (MATTELART, 1989; LOPES, 2003; HAMBURGER, 2011), Interseccionalidad (HOOKS, 2015; DAVIS, 2016; CRENSHAW, 2004), Relaciones de Poder (CAL, 2016) y las mujeres negras en la sociedad brasileña (GONZALEZ, 1984; CARNEIRO, 2015). Los resultados apuntan a la reproducción de estereotipos, invisibilidad interseccional y tensión en las relaciones de poder entre patrones y trabajadores.

**Palabras clave:** Telenovelas. Interseccionalidad. Relaciones de poder. Trabajadores domésticos.

**Abstract:** We investigated the representations of domestic workers in TV Globo soap operas, before and after the promulgation of PEC das Domésticas (66/2012). We analyzed the soap operas “Avenida Brasil” (2012), “A Regra do Jogo” (2015) and “A Dona do Pedaço” (2019), identifying how the characters of the workers are constructed, the social contexts, as well as the relations of power and intersectional issues, considering that soap operas are central to the thematization of Brazilian sociocultural realities. As a theoretical contribution, we work with Telenovelas (MATTELART, 1989; LOPES, 2003; HAMBURGER, 2011), Intersectionality (HOOKS, 2015; DAVIS, 2016; CRENSHAW, 2004), Power Relations (CAL, 2016) and the black women in Brazilian society (GONZALEZ, 1984; CARNEIRO, 2015). The results point to the reproduction of stereotypes, intersectional invisibility and tension in the power relations between bosses and workers.

**Keywords:** Telenovelas. Intersectionality. Power relations. Domestic workers.

<sup>1</sup> Este trabalho possui o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPQ, por meio do projeto de pesquisa “Mídia, debate público e negociação de sentidos sobre o trabalho doméstico” e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes, por meio de bolsa auxílio de demanda social.

**Lorena Esteves** – Doutoranda do Curso de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia, da UFPA (PPGCOM/UFPA). Integrante do grupo de pesquisa Comunicação, Política e Amazônia (Compoa) e do grupo de pesquisa Observatório de Comunicação, Culturas e Resistências na Pan-Amazônia. E-mail: [estevesjornalismo@gmail.com](mailto:estevesjornalismo@gmail.com)

**Camila Leal** – Estudante do curso de Comunicação Social, Jornalismo, da Universidade Federal do Pará (UFPA), bolsista do Projeto de pesquisa “Mídia, debate público e negociação de sentidos sobre o trabalho doméstico”. Integrante do grupo de pesquisa Comunicação, Política e Amazônia (Compoa). E-mail: [leal.jornal@gmail.com](mailto:leal.jornal@gmail.com)

**Danila Cal** – Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCOM) e da Faculdade de Comunicação (FACOM), da UFPA. Líder do grupo de pesquisa Comunicação, Política e Amazônia (Compoa) e membro do grupo de pesquisa Observatório de Comunicação, Culturas e Resistências na Pan-Amazônia. E-mail: [danilagentical23@gmail.com](mailto:danilagentical23@gmail.com)

**Rosaly Brito** – Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCOM) e da Faculdade de Comunicação (FACOM), da UFPA. Vice-líder do grupo de pesquisa Comunicação, Política e Amazônia (Compoa) e membro do grupo de pesquisa Observatório de Comunicação, Culturas e Resistências na Pan-Amazônia. E-mail: [rosalysbrito@gmail.com](mailto:rosalysbrito@gmail.com)

## INTRODUÇÃO

As heranças do colonialismo e da escravização – o sexismo, o patriarcalismo, o racismo e o capitalismo em suas formas atualizadas – repercutem estruturalmente nas relações sociais e instituições, permanecendo no cotidiano da sociedade brasileira. Esse processo histórico nos ajuda a compreender as bases das desigualdades de gênero, raça e classe (GONZALEZ, 1984; CARNEIRO, 2011; FIGUEIREDO, 2019). Nesse sentido, o trabalho doméstico representa um ponto de confluência entre essas desigualdades, e a figura da trabalhadora doméstica, uma das principais representações da mulher negra no Brasil (GONZALEZ, 1984; BRITES, 2013; CAL, 2016; DANTAS, 2016).

Partimos da premissa de que os discursos midiáticos se configuram como interpretações sociais, culturais e políticas (MAIA, 2018) e que, portanto, participam dos processos de constituição de identidades e questionamento ou reforço a estereótipos e a relações de poder. Neste capítulo, dedicamo-nos a explorar as representações das trabalhadoras domésticas em telenovelas<sup>2</sup> da Rede Globo para compreender como são construídas essas personagens, os contextos sociais, bem como as relações de poder e questões interseccionais que as atravessam, considerando que as telenovelas são bens simbólicos fundamentais na tematização das realidades socioculturais brasileiras (LOPES, 2003; HAMBURGUER, 2011).

Ao discutir “representação midiática”, Rousiley Maia (2018) destaca que se trata de um conceito multifacetado, com distintas tradições teóricas. Segundo a autora, na acepção mais básica, representação “envolve a produção de sentido, por meio da qual os seres humanos se constituem e se fazem ‘presentes’ ou ‘tornam visível’ o mundo social – objetos, pessoas, eventos, normas, etc.” (MAIA, 2018, p. 62). Ela defende uma forte vinculação social na representação midiática que considera “parte do discurso cultural político no domínio mais amplo da luta social” (p. 65), de tal forma que pode fornecer elementos para “‘moldar’ perspectivas culturais” e modos como sujeitos e grupos se veem e são vistos.

Nesta análise, focalizamos, em especial, as novelas “Avenida Brasil” (2012), “A Regra do Jogo” (2015) e “A Dona do Pedaço” (2019), todas exibidas na faixa de horário das 21h e em períodos significativos da discussão e da implementação das leis que buscaram a equiparação dos direitos entre as trabalhadoras domésticas e os demais trabalhadores. A Proposta de Emenda Constitucional 66/2012, conhecida como a PEC das Domésticas, foi votada em 2012 na Câmara dos Deputados e, em 2013, no Senado, o que gerou a Emenda Constitucional nº 72/2013 e também a Lei Complementar nº 50/2015, que regulamentava alguns dos direitos ainda não vigentes em 2013. A escolha por a “A Dona do Pedaço” ocorreu por considerar a exibição já num período em que a ampliação dos direitos trabalhistas das domésticas estava legalmente consolidada. Contudo, a superação dos entraves sociais e simbólicos relacionados à aceitação e ao respeito à ampliação dos direitos das trabalhadoras domésticas ainda permanece um desafio.

Consideramos, portanto, a análise das telenovelas fundamentais para a compreensão do processo de debate público sobre a PEC das Domésticas e seus desdobramentos, por meio da observação das representações das trabalhadoras domésticas. Isso porque as telenovelas pautam relações entre os domínios do privado e do público, possibilitando um transbordamento e a politização

<sup>2</sup>Telenovela é o nome genérico que se dá à narrativa ficcional televisiva no Brasil, independentemente de seu formato ser telenovela em sentido estrito, minissérie, caso especial, ou outro (LOPES, 2003, p. 17). Neste capítulo, também pode ser referida, simplesmente, como novela, nome pelo qual é popularmente conhecida.

de temáticas relacionadas ao cotidiano, atuando, desse modo, como um painel de discussão sobre questões sociais (LOPES, 2003; MATTELART, 1989).

## 1. A Mulher Negra na Sociedade Brasileira

Para contextualizar a condição da mulher negra na sociedade brasileira, é necessário entender o processo de colonização do país. O período colonial é marcado pela escravização de homens e mulheres negros e indígenas que passaram por um processo de coisificação e desumanização, transformados em mercadorias e vendidos para trabalharem nas fazendas, lavouras e também nas unidades domésticas de famílias brancas, descendentes de povos europeus (NASCIMENTO, 2019). Às mulheres negras, cabiam os papéis de trabalhadoras braçais no campo, reprodutoras de novos escravos, objetos sexuais de seus senhores e mucamas que lavavam, passavam, cuidavam dos afazeres domésticos e cozinhavam (GONZALEZ, 1984; NASCIMENTO, 2019).

A opressão de gênero, na conjugação com as intersecções de raça e classe, na contemporaneidade, produz hierarquias que colocam mulheres negras em posição de maior desvantagem na escala de privilégios (GONZALEZ, 1984; SAFFIOTI, 1987; CARNEIRO, 2011). “O trabalho doméstico é um caso exemplar da conjugação da discriminação interseccional: a força de trabalho é recrutada entre mulheres, as quais geralmente provêm daquelas camadas mais pobres e com índices menores de escolaridade, características sobrepostas por uma forte marca de racialização” (BRITES, 2013, p. 428).

Lélia Gonzalez (1984), ao falar, na década de 1980, sobre o lugar da mulher negra na cultura brasileira, identifica três representações, oriundas do processo de escravização/colonização: a mulata, a doméstica e a mãe-preta. A autora assinala que, no período do carnaval, a mulher negra transforma-se na mulata “rainha do samba”, “deusa da Marquês de Sapucaí”. Fora desse período, é a doméstica. “Quanto à doméstica, ela nada mais é do que a mucama permitida, a da prestação de bens e serviços, ou seja, o burro de carga que carrega sua família e a dos outros nas costas. Daí ela ser o lado oposto da exaltação; porque está no cotidiano” (GONZALEZ, 1984, p. 230). A outra figura da mulher negra na sociedade brasileira é a mãe-preta, a “bá”, vista pelos brancos como exemplo de amor incondicional pelos filhos das mulheres brancas e que, hoje, representa a figura da babá (GONZALEZ, 1984).

É comum observarmos que essas lógicas e subjetividades se reproduzem por meio da mídia. “Nas novelas, nas peças de teatro, as trabalhadoras domésticas são, quase sempre, representadas por atrizes negras” (SAFFIOTI, 1987, p. 53). A propaganda também contribui para perpetuar estereótipos sobre as mulheres pobres e racializadas (CRENSHAW, 2002, p. 178). Falando sobre racismo cinematográfico, bell hooks ressalta que “mesmo quando a representação das mulheres negras está presente nos filmes, nossos corpos e seres estão lá para servir – aprimorar e manter mulheres brancas como objeto do olhar falocêntrico” (hooks, 2019, p.221).

Não obstante o fato de que muitos temas de importância social podem aparecer como pano de fundo de diversos enredos ficcionais, muitas vezes, não há a “tentativa de enfrentamento de determinada questão”. O tema de importância social serve apenas como recurso dramático, como aspecto de composição de um dos personagens, não há “qualquer tentativa de evidenciar e trabalhar tal tema na dimensão social” (OLIVEIRA; PAVAN, 2004, p. 10). A seguir, discute-se a trajetória do gênero telenovela no Brasil e se problematizam as representações que ela faz circular massivamente.

## 2. Telenovela: entre a catarse e o debate público

Provavelmente nenhum outro gênero na televisão brasileira cumpriu tão bem o papel de integrar o país de ponta a ponta quanto a telenovela. Ela ofereceu chaves de leitura que permitiram ao Brasil imaginar-se a si mesmo por meio da teleficção, tecendo uma comunidade imaginada, no sentido que lhe é atribuído por Benedict Anderson<sup>3</sup>.

A centralidade que a televisão assume na vida do país desde meados dos anos 1960, conforme Maria Immacolata Lopes (2003), é mais um paradoxo em uma nação constituída e representada reiteradamente pelos seus contrastes abissais – entre riqueza e pobreza, modernidade e arcaísmo, sul e norte, litoral e interior, campo e cidade. É fato, segundo a autora, que a televisão reproduz, no plano das representações, diversos matizes de desigualdade e discriminação. “Mas, também é verdade que ela possui uma penetração intensa na sociedade brasileira, devido a uma capacidade peculiar de alimentar um *repertório comum* por meio do qual pessoas de classes, gerações, sexo, raça e regiões diferentes se posicionam e se reconhecem umas às outras” (2003, p. 18).

Embora tenha sido inaugurada em 1950, a televisão brasileira só passou a ter dimensão nacional em meados da década seguinte. O extraordinário sucesso alcançado pelas novelas está intrinsecamente associado à afirmação da Rede Globo, nascida em 1965, como a maior rede de TV do país e uma das mais importantes do mundo<sup>4</sup>. O modelo integrativo da Globo e seu padrão de modernidade de consumo, associado ao apoio ostensivo dos governos militares a técnicas modernas de gerenciamento e marketing e a uma forte equipe de autores de novelas vindos do cinema e do teatro, provocou um “deslumbramento eletrônico” junto à população (MATTELART, 1989; LOPES, 2003). As novelas lideraram essa massificação da audiência e passaram a ser “o seu cinema em casa” (HAMBURGER, 2011).

A história das novelas se confunde com a própria história da TV no Brasil, de acordo com Esther Hamburger (2005). “A grande importância da telenovela é que ela se tornou um fórum de discussão, uma pauta de temas raciais, sexuais e de gênero”, assinala Lopes em entrevista a Clara Meirelles (2008, p. 9). Para a autora, essa pauta regula as intersecções entre a vida pública e a vida privada, permitindo que dramas privados se expressem em termos públicos e vice-versa (LOPES, 2003). Os estudiosos desse gênero concordam que a novela seja, ao mesmo tempo, uma vitrine de produtos dos mais variados tipos, incitando os telespectadores ao consumo do que está em cena, e um painel de discussão de temas sociais. “A novela é de certa forma a caixa de ressonância de um debate público que a ultrapassa” (MATTELART, 1989, p. 111).

A questão é o encaminhamento dado à discussão desses temas. Michèle e Armand Mattelart apontam que, desde o fim dos anos 1970, a produção das novelas e da TV brasileira de modo geral foi confrontada pela pressão permanente exercida por uma espécie de *apartheid* social vigente no país, em que uns viviam efetivamente no ritmo da modernização e outros estavam estagnados social e financeiramente, mas, a despeito disso, “criaram suas próprias formas de resistência cultural” (1989, p. 116). A verossimilhança de um suposto viés inclusivo nas novelas,

<sup>3</sup> O autor inglês argumenta que, no século XVIII, o jornal e o romance cumpriram importante papel no processo de emergência dos estados nacionais europeus, oferecendo às respectivas sociedades um sentimento de pertencimento à nação como uma comunidade imaginada. Ambos, e em particular o jornal, criaram uma concepção nova de simultaneidade não espacial, possibilitando o surgimento de comunidades imaginadas seculares e transtemporais (ANDERSON, 2008).

<sup>4</sup> No mais recente ranking das TVs do mundo, divulgado em 2020, a Rede Globo de Televisão passou a ocupar a segunda posição, atrás apenas da rede americana gigante ABC, de propriedade do grupo The Walt Disney Company. Informação disponível em <https://www.dm.jor.br/brasil/2020/06/globo-supera-cbs-e-se-torna-a-segunda-maior-emissora-do-mundo-record-e-a-28a/>. Acesso em 17 Jul. 2020.

de acordo com Hamburger (2011), não se dá por critérios realistas, já que contradições sociais básicas e a própria pobreza durante muito tempo estiveram ausentes das narrativas, protagonizadas por personagens brancos.

No que tange às trabalhadoras domésticas, elas sempre estiveram presentes como personagens nas novelas. No entanto, dada a inferiorização de seu lugar social, era uma presença impregnada de preconceitos e invisibilizações. “Quase anuladas como figurantes que abrem portas e atendem telefones, cobiçadas como objeto de desejo erótico, ridicularizadas como representantes típicas das mulheres das classes populares, envolvidas em movimento de ascensão social” (MACEDO, 2016, p. 3).

Ao analisar a recepção da novela “Cheias de Charme”, exibida em 2012 pela Rede Globo, que, pela primeira vez, tinha como protagonistas trabalhadoras domésticas, Renata Macedo (2016) admite que, a despeito de estereótipos recorrentes ligados a essas profissionais, a TV teve que incorporar transformações nessas personagens de modo geral.

Ainda assim, são claros e inquietantes os limites dessas transformações nas novelas “Avenida Brasil” (2012), “A Regra do Jogo” (2015) e “A Dona do Pedaço” (2019), como veremos no próximo tópico, identificando como são construídas as personagens das trabalhadoras, os contextos sociais, bem como as relações de poder e questões interseccionais.

### 3. Objetos Analisados: novelas *Avenida Brasil*, *A Regra do Jogo* e *A Dona do Pedaço*

Para analisar as representações sobre trabalhadoras domésticas nas novelas investigadas, partimos da metodologia da *ingenuidade consentida*, proposta por Maria Lourdes Motter e Daniela Jakubaszko (2007, p. 4, grifos no original), “que consiste em pensar, sentir e ver a telenovela pela perspectiva do *telespectador-observador*, como num processo de pesquisa da observação participante” (2007, p. 4).

Para termos melhor entendimento a respeito das personagens, além das descrições das novelas catalogadas a partir dos sites *Memória Globo*, *Gshow* e *Teledramaturgia*, analisamos as cenas das empregadas disponíveis no *Globoplay*, plataforma que disponibiliza as obras produzidas pela Globo, dentre outras, e também no *Youtube*. A busca foi feita a partir das palavras-chave “Nome da trabalhadora – nome da Novela”, a partir das quais conseguimos catalogar e assistir: 45 cenas de “Avenida Brasil”, 13 cenas de “A Regra do Jogo” e 26 cenas de “A Dona do Pedaço”.

“Avenida Brasil” (2012) conta a história de Rita (Débora Falabella), uma jovem que, desde os 11 anos, planeja um acerto de contas com a madrasta. Rita, órfã de mãe, era criada com muito amor pelo pai Genésio (Tony Ramos). Tudo muda quando ele se casa com Carmen Lúcia, a Carminha (Adriana Esteves), mulher ambiciosa e dissimulada, mas que se passava por esposa doce e dedicada<sup>5</sup>.

“A Regra do Jogo” (2015) narra a história de Romero Rômulo (Alexandre Nero), um bandido que finge ser herói do povo. Ele integra a maior facção criminoso do país. Apesar de enganar as pessoas, o mau-caráter é ludibriado por Atena (Giovanna Antonelli), uma estelionatária com quem vive um relacionamento conturbado. A trama gira em torno de um crime não

<sup>5</sup> Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/avenida-brasil.htm>>. Acesso em: 09/11/2019.

solucionado, uma chacina, que envolve todo o elenco principal. Os efeitos da chacina movem a narrativa que também fala de virgindade, traição e violência doméstica<sup>6</sup>.

Em “A Dona do Pedaco” (2019), Maria da Paz (Juliana Paes) vem de uma família de justiceiros profissionais, os Ramirez, da cidade de Rio Vermelho, Espírito Santo. Desde pequena, ela gosta de fazer bolos, mas o pai, Ademir (Genézio de Barros), quer transformá-la em uma justiceira. Ela acaba se apaixonando por Amadeu (Marcos Palmeiras), advogado, porém, membro do clã rival nos negócios dos Ramirez, os Matheus. Seu romance é impedido pelas famílias que não aceitam e provocam uma tragédia que acaba com o casal impedido de ficar junto e o sequestro das sobrinhas de Maria. Ela começa uma nova vida com a promessa de reencontrar as sobrinhas e grávida de sua filha Josiane (Agatha Moreira), que, diferente da mãe, tem um caráter duvidoso<sup>7</sup>.

Objetivando identificar como se deu a trama em torno das trabalhadoras domésticas dessas novelas, possíveis estereótipos de gênero, raça e classe que colocassem as trabalhadoras domésticas em posições de subalternidade, foram analisadas as personagens Zezé e Janaína, de “Avenida Brasil”; Dinorah e Conceição, de “A Regra do Jogo”; e Edilene, “A Dona do Pedaco”. As categorias investigadas foram: a) A construção das personagens, para identificar quem são, onde moram, qual a história dessas personagens; b) Interseccionalidade, para identificar como são abordados os sistemas discriminatórios que criam desigualdades estruturantes das posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes; c) Relações de poder, para identificar as tensões entre empregadas e patrões e de que maneira se dão, qual discurso é reproduzido nas novelas.

### a. A Construção das Personagens

A partir das informações coletadas nos sites *Memória Globo* e *Teledramaturgia* e com base nas seqüências das cenas observadas no *Globoplay*, foi possível elaborar um resumo das personagens, com mais detalhes da história de cada uma: Zezé, Janaína, Edilene e Dinorah, porém não foi possível identificar muitas características sobre a história de Conceição, por não ter grande participação na trama.

Janaína (*Avenida Brasil*) é interpretada pela atriz Claudia Missura. Ela é uma mulher branca. Aparenta estar na casa dos 30. Utiliza uniforme no trabalho. Trabalha na casa de Tufão (Murilo Benício) há anos na esperança de dar um futuro melhor para o seu filho, Lúcio (Emiliano D’Avila), aguentando, inclusive, os maus tratos da patroa Carminha. Janaína, por sua vez, também emprega uma trabalhadora doméstica em sua casa, Zulmira (Rose Lima), que é negra. A relação com Carminha muda quando descobre que a patroa seduziu seu filho e o está utilizando para acobertar seus crimes.

Zezé (*Avenida Brasil*) é interpretada por Cacau Protásio. Ela é uma mulher negra. Aparenta estar na casa dos 30. Utiliza uniforme no trabalho. Ela é a outra empregada doméstica da mansão de Tufão. É muito fiel à sua patroa Carminha, embora esta a trate mal na maioria das vezes, criticando os seus serviços. A participação de sua personagem na trama se resume ao que a família de Tufão está fazendo ao longo da novela. Ela serve de ponte para o drama principal.

Zezé e Janaína estão juntas na maioria das cenas. Vivem falando da vida dos patrões. Janaína possui sua própria história, o amor pelo filho Lúcio e o medo de que ele acabe se desvirtuando, principalmente a partir do momento em que se apaixona por Carminha. Ao final da novela, Zezé continua trabalhando para a família e Janaína vai embora com o filho Lúcio.

<sup>6</sup> Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/a-regra-do-jogo.htm>>. Acesso em: 09/11/2019.

<sup>7</sup> Disponível em: <<http://teledramaturgia.com.br/a-dona-do-pedaco/>>. Acesso: 09/11/2019.

Dinorah (A Regra do Jogo) é interpretada pela atriz Carla Cristina Cardoso. Ela é negra. Aparece estar na casa dos 30, e utiliza roupas como bermuda e camiseta para trabalhar. É a empregada de Feliciano (Marcos Caruso) e trabalha na cobertura do patrão há anos sem ser paga. É a empregada que destoa das outras analisadas. Por não ser paga, Dinorah age como membro da família, senta e assiste tv, dá sua opinião sobre a vida dos patrões e é bastante debochada. Faz parte do núcleo cômico da novela. Não usa uniforme. A relação entre ela e Feliciano é outro fator interessante, porque ambos demonstram ter carinho um pelo outro. Ela faz questão de fazer as coisas para ele e ele a trata de maneira carinhosa, chamando-a de querida.

A história de Dinorah se passa toda no núcleo familiar dos patrões e o ponto alto da sua trajetória é quando finalmente o patrão paga os salários atrasados. Mesmo ficando rica, ela prefere continuar a ser empregada de Feliciano. Foi a única novela que retratou de maneira aberta a importância e os direitos e benefícios que as trabalhadoras domésticas garantiram com a nova legislação. Apesar do papel, Dinorah não chega nem a ser citada entre os personagens no portal *Memória Globo*.

Conceição (A Regra do Jogo) é interpretada pela atriz Séfora Rangel. É uma mulher branca. Aparece ter 30 anos e usa uniforme no trabalho. É casada com Nonato (Ilya São Paulo), o motorista da família Stewart, para quem trabalha. Descobre que ele teve um caso com uma das patroas, mas perdoo. Aparece pouco na trama, por isso não foi possível identificar muito a respeito dela. Diferente de Dinorah, que tinha seu núcleo fixo e aparecia na maioria dos episódios, seu ponto alto de participação na novela é quando revela que seu marido é pai dos filhos da patroa, porque esta está a ponto de se casar. Aparentemente, ela não podia contar pois estava sendo chantageada pelo noivo da patroa.

Edilene (A Dona do Pedaco) é interpretada por Cynthia Senek. Ela é uma mulher que, no contexto brasileiro, pode ser lida socialmente como parda<sup>8</sup>, por ser negra de pele clara. É jovem, na sinopse da novela, possui 21 anos. Está sempre utilizando o uniforme no trabalho. É uma jovem pobre, filha do motorista Cosme (Oswaldo Mil), que trabalha na casa de Otávio (José de Abreu) e Beatriz (Natália do Valle), uma família rica. Otávio, velho rico que figura a imagem do homem mulherengo, fica interessado pela beleza da jovem. No início, ela fica receosa, mas acaba cedendo e se torna amante do patrão. Ela gosta dele, mas, mais que isso, vê nele uma oportunidade de deixar de ser pobre e mudar de vida. Acredita que dar um filho para ele o fará largar a esposa e ficar com ela. Ela sempre encontra com ele em motéis e, enquanto ele toma banho, fura as camisinhas. Até que fica grávida. Quando conta para ele, não recebe a reação que esperava, ele exige que ela aborte o bebê e ela chora dizendo que não quer, mas acaba cedendo. Depois de pedir indicação a uma amiga, vai a uma clínica clandestina, sofre hemorragia e morre no hospital. O patrão esconde de todos sua participação na morte da moça.

Ao observar as personagens e suas histórias, de forma geral, pode-se compreender que a vida delas geralmente gira em torno da trama dos patrões. A personagem Dinorah, por exemplo, tem sua trajetória de vida invisibilizada, parece não ter família e nem amigos, o mesmo acontece com Zezé. Quando ganham destaque, há algum fato ligado à história dos patrões. Ou seja, elas não têm história própria, vivem em função dos personagens principais.

<sup>8</sup> O pardo é uma construção social que marca um processo de genocídio que estuprou mulheres negras e indígenas e que se baseou em séculos de teorias racistas e eugenistas (WESCHENFELDER; LINHARES DA SILVA, 2018; GOMES, 2019). No entanto, o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) ainda utiliza cinco categorias de tipificação da sociedade: branca, preta, amarela, parda e indígena. A somatória da população preta e parda é o que configura, hoje, a população negra do país. O Estatuto da Igualdade Racial (LEI N° 12.288/2010) define como “população negra o conjunto de pessoas que se autodeclararam pretas e pardas, conforme o quesito cor ou raça usado pelo IBGE, ou que adotam autodefinição análoga” (BRASIL, 2010, Art. 1, IV).

Rosana Mauro (2019) analisou a construção discursiva televisual da mulher popular nas telenovelas “Avenida Brasil” e “A Regra do Jogo”, dentre várias tipologias femininas populares, mencionou as trabalhadoras domésticas. Segundo a autora, um traço distintivo entre trabalhadoras domésticas brancas e negras é que as últimas apresentam suas histórias sempre ao redor dos patrões, sem um investimento na intimidade delas (MAURO, 2019). As trabalhadoras domésticas brancas, no caso Janaína e Conceição, possuem um maior atuação fora da casa dos patrões, com a própria residência tendo algum espaço na trama: “as primeiras têm o âmbito pessoal mais explorado e se veem livres do emprego doméstico (...), as negras estão mais presentes ao ambiente de trabalho, não têm vida pessoal evidente e tendem para a comédia” (MAURO, 2019, p. 232). Tanto Zezé quanto Dinorah possuem atuações com expressão cômica: Zezé pela subserviência à patroa Carminha e pelo modo como a defende, pelas fofocas, e Dinorah por se comportar com intimidade na casa do patrão, onde comanda o controle remoto da TV e responde com deboche às ordens do restante da família, dizendo que só serve ao Seu Feliciano, o patrão.

Em relação às temáticas abordadas, para visualizar a importância das personagens na trama, tentamos identificar se havia um caráter pedagógico nas telenovelas analisadas, como discutido por Motter & Jakubaszko (2007), que identificam dois tipos de discursos pedagógicos:

O primeiro seria aquele que convida o leitor à reflexão. Quando o diálogo é um convite ao pensar, leva o leitor a uma experiência, uma vivência, que se realiza em última instância como aprendizagem e transformação. O segundo, ao contrário, assume uma forma monológica, unívoca e dogmática, de maneira a fechar qualquer possibilidade de reflexão, portanto, de transformação (MOTTER; JAKUBASZKO, 2007, p. 58).

A partir desse caráter pedagógico, é possível observar que a trajetória da personagem Edilene leva à reflexão sobre o tema “aborto clandestino” e os riscos em relação à vida da mulher. Outra possibilidade de tematização pedagógica é o tema dos “direitos trabalhistas das domésticas”, por meio da virada na história de Dinorah em “A Regra do Jogo”. Entretanto, cabe destacar, esses temas apareceram de modo pontual em relação à trama principal. Os direitos das trabalhadoras domésticas são, em geral, um assunto invisibilizado, apesar do período de exibição das tramas ser compatível com as discussões sobre a PEC das Domésticas (Quadro 1):

**Quadro 1** - Dados gerais das novelas analisadas e repercussão da PEC 22/2012 no período

Novela	Direção	Período	Repercussão da PEC no período
Avenida Brasil	João Emanuel Carneiro	26/03/2012 a 20/10/2012	Emenda Constitucional nº 66/2012 - Altera a redação do parágrafo único do art. 7º da Constituição Federal para estabelecer a igualdade de direitos trabalhistas entre os trabalhadores domésticos e demais trabalhadores urbanos e rurais.
A Regra do Jogo	João Emanuel Carneiro	31/08/2015 a 12/03/2016	Lei Complementar 150 /2015 - Dispõe sobre o contrato de trabalho doméstico. Alguns benefícios : Adicional noturno, FGTS, Indenização em caso de dispensa sem justa causa, seguro - desemprego, salário - família, auxílio creche e pré escola, seguro contra acidentes de trabalho.
A Dona do Pedaço	Walcyr Carrasco	20/05/2019 a 22/11/2019	Sem discussão política por conta dos direitos já regulamentados.

Fonte: Autoria Própria.

A temática é abordada num único episódio de “A Regra do Jogo”, quando Dinorah, finalmente, recebe 30 anos de salários e demais direitos atrasados, após o seu patrão, Feliciano, herdar uma herança milionária ao enviuvar da sua mulher chamada Claudine (Maria Padilha), que morre na noite de núpcias. Feliciano está no quarto da empregada com pacotes de dinheiro na mão e diz<sup>9</sup>: “Então aqui está: 2002, esse é o décimo terceiro de 2003, 2004, 2005, 2006. Tá tudo aqui. Agora, tem as férias atrasadas de cinco anos, quatro anos! 2007, 2008, 2009, 2010. Isso aqui é férias, não confunde. E aqui tem as horas extras que eu não te pago há tanto tempo. Você pode conferir que estão todos os recibinhos aqui”, diz Feliciano. Dinorah, emocionada, responde “Não precisa de hora extra não, Seu Feliciano!”. Ele diz, “Claro que precisa, pelo amor de Deus! Depois você vai me processar **porque a lei das domésticas manda pagar as horas extras**. Agora, presta atenção que aqui eu retirei do banco só para você ver que o dinheiro existe. Ficou com o olho arregalado, sabe o que é que é? Isso tudo aqui é fundo de garantia. Agora isso vai ficar comigo, porque eu vou depositar no banco [o fundo de garantia], fica tranquila. E agora tem uma coisinha aqui é o mais importante. Teu salário atrasado de todos os anos que você trabalhou aqui em casa. Tá tudo contado”. A cena continua com ele dizendo que é dinheiro suficiente para que ela não precise mais trabalhar na vida ao que ela responde que prefere continuar trabalhando com ele.

Apesar do potencial desta cena ter um caráter pedagógico sobre os novos direitos da trabalhadora doméstica, a ideia de que uma trabalhadora doméstica fica rica ao receber todos os direitos devidos pelo patrão, convergiu com o discurso corrente na sociedade de que garantir direitos básicos às trabalhadoras domésticas era “dar mais do que o necessário”, o que desvirtua a discussão sobre a PEC das Domésticas.

Em momentos pontuais, os direitos das trabalhadoras domésticas são mencionados na novela “A Dona do Pedaço” sem grandes tensionamentos, como no caso da patroa de Edilene que fala que seus empregados têm um bom convênio médico, em referência ao fato de Edilene estar passando mal. Em outro momento, o pai de Edilene questiona o excesso de trabalho da jovem, mas ela responde dizendo que a patroa paga hora extra. Esses temas não são problematizados a ponto de estimular um processo de reflexão ou aprendizagem social a respeito dos novos direitos das trabalhadoras domésticas.

Não há, portanto, considerando o escopo das personagens analisadas, o que Motter e Jakubasko (2007) chamam de “tematização”, que seria “quando uma telenovela tematiza uma questão de importância social, quer dizer que ela assume a discussão de determinado tema de modo frontal, ocupando ele grande espaço e importância dentro da trama; torna-se, durante toda a telenovela, ou em grande parte dela, o foco central” (p.09).

## **b. Interseccionalidade**

Para não correremos o risco de trabalhar de forma monocategorial, com a categoria genérica de mulher e homogeneizar diferentes experiências, ou, mais arriscado ainda, tomar como referência as mulheres brancas e ocidentais, utilizamos a interseccionalidade como um dos critérios de análise. Compreendemos que a discriminação contra as trabalhadoras domésticas, especialmente no Brasil, é interseccional (HIRATA, 2016; BIROLI & MIGUEL, 2015; DANTAS, 2016). As experiências

<sup>9</sup> Cena do episódio do dia 08/02/2016. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/4797653/>>. Acesso em: jun. 2019.

de opressão, quando estamos falando de mulheres negras, não podem ser enquadradas separadamente, ou seja, serem mutuamente exclusivas (GONZALEZ, 1984; DAVIS, 2016; hooks, 2015).

Segundo Kimberlê Crenshaw (2002), a interseccionalidade refere-se à associação de sistemas múltiplos de subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. “Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento” (p. 177).

As trabalhadoras domésticas, em geral, sofrem o que Crenshaw (2002) denomina de subordinação estrutural, pois são as mais afetadas pelas políticas governamentais, em decorrência da sua posição na estrutura socioeconômica. Na ausência do Estado para atender às demandas de saúde e cuidado, são as mulheres, sobretudo as negras, que se veem compelidas a assumir serviços que deixam de ser prestados, como o de cuidar de idosos, doentes e crianças. As mulheres com boa condição financeira, geralmente brancas, contratam outras mulheres para assumirem esses serviços de cuidados.

Na análise das novelas, podemos observar que as questões de gênero, raça e classe se atravessam, repercutindo estereótipos que recaem diretamente sobre as trabalhadoras domésticas. Todas são mulheres pobres e a maioria é negra, conforme quadro abaixo (Quadro 2).

**Quadro 2** - Marcas de interseccção das personagens

Personagem	Cor		Uso de uniforme
	Branca	Negra	
<i>Zezé</i>		X	Sim
<i>Janaína</i>	X		Sim
<i>Dinorah</i>		X	Não
<i>Conceição</i>	X		Sim
<i>Edilene</i>		X	Sim

Fonte: Dados da pesquisa.

Os estereótipos de gênero, raça e classe evidenciam-se fortemente na escolha das personagens, todas mulheres, a maioria negras, reproduzindo uma divisão sexual e racial do trabalho que é fruto de uma desigualdade ontológica entre homens e mulheres, ativando restrições e desvantagens pautadas pela diferenciação sexual e racial (BRITES, 2000; BIROLI; MIGUEL, 2015).

A objetificação sexual é outro marcador de estereótipos encontrados, por exemplo na personagem da Edilene que se relaciona com o patrão Otávio. A temática do aborto tratada em “A Dona do Pedaco” também pode ser analisada como um marcador de gênero, classe e raça. Edilene engravida de Otávio, seu patrão, e ele a obriga a abortar, mobilizando o poder que exerce sobre ela e seu corpo, como fica claro no capítulo em que ele diz que arranja um carro, um flat, uma boa mesada para ela, mas ela recusa. Ele diz que depois que a Vivi (sua filha) casar, eles se resolvem, manda ela “pegar” o dinheiro e “consertar a situação”. Ela diz “e se eu não quiser consertar?”, ele diz “eu vou ficar muito bravo com você”, ela chora e diz que não quer tirar o filho, mas acaba realizando o procedimento e morre.

Sobre a questão racial, evidencia-se em vários momentos, a começar pelo fato de a maioria das personagens ser negra (Zezé, Dinorah e Edilene), reproduzindo um estereótipo social que as subalterniza e as coloca em condição de trabalhadoras braçais, alijadas de intelectualidade e restritas a serviços considerados de menor valor, assim como naturaliza a divisão sexual e racial do trabalho (GONZALEZ, 1984; CARNEIRO, 2003; DAVIS, 2016). Além disso, "geralmente, as empregadas domésticas negras são historicamente relacionadas em suas representações a adjetivos pejorativos como atrevidas e fofoqueiras" (MAURO, 2019, p. 107).

Dinorah (*A Regra do Jogo*) é um exemplo de reprodução de estereótipos sociais, pois é uma mulher negra que, apesar de não ser paga pelo patrão, um homem branco, mantém-se submissa a ele, chegando inclusive a dispor de recursos próprios para atender às regalias do mesmo, como comidas e bebidas caras. Após receber os pagamentos atrasados, apesar de ter condições econômicas, ela se mantém submissa ao patrão, demonstrando que aquele era o "lugar natural" daquele corpo negro ocupar, o papel de servir.

Em contraposição, todos os patrões nas três novelas são brancos, reproduzindo um imaginário social de superioridade branca, demarcando lugares sociais hierarquizados<sup>10</sup>. Importante destacar também que Janaína, trabalhadora doméstica na casa de Tufão, possui, por sua vez, uma empregada doméstica negra, com quem reproduz, em boa parte, o tratamento que recebe da patroa Carminha.

A classe é uma categoria que emerge em diversas situações nas novelas, não no sentido do enfrentamento de um imaginário social constituído, mas, mais uma vez, reproduzindo estereótipos. Com base na análise, algumas cenas entre as patroas e as empregadas também deixam clara a mensagem da superioridade dos ricos. Por exemplo, quando Janaína (*Avenida Brasil*) passa a falar com Carminha da mesma forma que a patroa fala com as empregadas, Carminha a desmoraliza e a humilha por sua posição, como se Janaína não fosse boa o bastante para que ela se desse ao trabalho de dar ouvidos ao que a empregada estava falando.

Quanto à moradia, todas as personagens reproduzem o imaginário social do *status* de uma pessoa de classe economicamente baixa. Zezé, Janaína e Conceição moram em bairros de periferias nas favelas e, quando não estão de uniformes, vestem roupas simples. Dinorah e Edilene moram na casa dos patrões, onde possuem um pequeno quarto, enquanto os patrões moram em mansões ou grandes casarões, como o caso dos patrões de Edilene, Zezé, Janaína e Conceição, e coberturas luxuosas como os patrões de Dinorah.

Segundo Gonzalez (1984), essa distinção de espaços reitera a evidente separação dos espaços físicos entre brancos e pretos, ricos e pobres, desde a época colonial. A autora reitera que o lugar do grupo branco são moradias saudáveis, situadas em "belos recantos da cidade ou do campo", cercadas por policiamento. Já o lugar do negro é o oposto: "da senzala às favelas, cortiços, invasões, alagados e conjuntos 'habitacionais'", os quais também têm a presença de policiamento, mas no intuito de reprimir e amedrontar (p. 232).

O lugar ocupado pelas trabalhadoras domésticas reflete essa lógica, reafirmada pela contínua naturalização dessas distinções de classe e raça nas telenovelas. O uniforme, que marca também a diferença e a desigualdade em relação aos patrões (DANTAS, 2016; CAL, 2016), era utilizado

<sup>10</sup> Importante ressaltarmos que "A Regra do Jogo" e "Avenida Brasil" são do autor João Emanuel Carneiro e "A Dona do Pedaço", de Walcir Carrasco. Os três autores são homens e brancos, um indício de falta de representatividade de gênero, raça e classe em espaços de poder e tomadas de decisão, como são os ocupados pelos autores das novelas e que podem se refletir na reprodução de estereótipos nos personagens.

por quatro das cinco personagens. Segundo Dantas (2016), o uniforme demarca que aquele corpo que circula pelos espaços da casa não faz parte do cenário, é externo a ele, transita por entre os cômodos com a finalidade de estar em serviço. Sinaliza, portanto, uma diferença de classe social. “Marcadas pelo uniforme, pelo ‘quarto de empregada’, ou pelos espaços em que circulam e utilizam da casa percebemos a dinâmica do trabalho e a desigualdades das trabalhadoras em relação aos patrões” (DANTAS, 2016, p. 136-7).

Observam-se a reprodução de estereótipos e a invisibilidade interseccional (CRENSHAW, 2002), universalizando e naturalizando a divisão sexual/racial do trabalho doméstico, que hierarquiza as relações sociais, entre ricos e pobres, homens e mulheres, negros e brancos, subalternizando as mulheres que conjugam a intersecção das opressões.

### c. Relações de Poder

Sabendo que aos negros foram destinados, em sua grande maioria, papéis que representavam posições subalternas ou consideradas de segunda classe pela sociedade, no que se refere à complexidade dos personagens nas telenovelas (ARAÚJO, 2004; FARIA; FERNANDES, 2007, p.11), nesta categoria buscamos identificar como se dão as relações de poder entre empregadas e patroas/patrões. Nesse sentido, buscamos identificar se as novelas estão contribuindo para uma modificação das relações de poder entre empregadas e patrões de maneira mais respeitosa e igualitária ou reproduzindo relações de poder baseadas nas desigualdades interseccionais.

Por relações de poder, consideramos tanto uma face observável relacionada à capacidade de impor a própria vontade a outro quanto uma dimensão latente na vida social, a partir da qual os sujeitos internalizam os pressupostos da dominação (CAL, 2016). Além disso, importante ressaltar a dimensão da resistência considerando a dimensão produtiva do poder, que faz com que “se abra (...) todo um campo de respostas, reações, efeitos, invenções possíveis” (FOUCAULT, 1995, p. 244).

A partir das cenas das novelas, percebemos que, em “Avenida Brasil”, Carminha, a patroa, trata as trabalhadoras Zezé e Janaína em condições análogas às de escravizadas. Zezé, apesar de ser a mais fiel das empregadas, é a que mais sofre maus-tratos pela patroa, como em uma cena em que a trabalhadora é obrigada a pegar na tampa de uma panela quente porque a patroa diz que não precisa de pano para pegar. Mesmo sofrendo tantas humilhações, ela se mantém fiel à patroa, em posição de submissão.

Janaína é branca e, Zezé, negra, apesar de as duas serem pobres, fica perceptível como a história de Janaína é mais desenvolvida. Quando não estão na casa dos patrões, Zezé bate à porta da casa de Janaína para contar as fofocas e, assim, o público fica conhecendo Zumira, a empregada de Janaína, que reage e não aceita com passividade as tentativas de humilhação por parte da patroa, a quem se refere ‘de igual para igual’.

As cenas entre as duas, Zumira e Janaína, são tratadas como um dos alívios cômicos da novela. Por trás do humor, a mensagem passada ao público é de que é hilário uma empregada ter outra empregada, utilizando a estratégia da ridicularização para aliviar a temática (GONZALEZ, 1984). Além disso, ainda que não possamos dizer que a intenção do roteirista foi dar destaque à personagem Janaína ou que isso tenha relação com a cor da pele, há um crescimento da personagem ao longo da história, ao ponto de ela passar a questionar a patroa e a enfrentá-la, enquanto Zezé permanece submissa e maltratada pela patroa do início ao fim, até que Carminha seja desmascarada.

Em “A Regra do Jogo”, identificamos um comportamento diferenciado de Dinorah como trabalhadora doméstica, que responde e trata os membros da família para quem trabalha como iguais, com exceção de Feliciano, para quem atua como serviçal. Faz tudo por ele, guarda sua comida e cuida de suas roupas. Tem orgulho por servi-lo, ainda que não receba salário durante a maior parte da novela. A relação de afeto que nutre pelo patrão faz com que a relação de submissão e de aceitação perdure ao ponto de ela ficar anos sem receber pelo trabalho. Essa relação de ambiguidade entre ser ou não ser da família, marca das relações no trabalho doméstico por ocorrer no ambiente íntimo dos lares (CAL, 2016). Tanto que, quando Dinorah recebe seu dinheiro, o que a deixa rica, prefere continuar como empregada da casa do patrão, refletindo relações comuns entre domésticas e patrões, envoltas entre a contradição de tensões e afetos (BRITES, 2000; DANTAS, 2016).

Em “A Dona do Pedaço”, ao mesmo tempo em que se evidencia a objetificação do corpo de Edilene por Otávio, há também a reprodução do estereótipo da mulher pobre inconformada com sua posição que tenta subir na vida às custas de um relacionamento com um homem rico. Contudo, Edilene é obrigada pelo patrão a se submeter a um procedimento de aborto, o que demonstra que a tentativa de controlar a situação por parte de Edilene era ilusória e frágil.

No entanto, em alguns momentos, há sinais de resistência, como acontece com Janaína que, a partir de determinado momento de “Avenida Brasil”, não aceita mais o tratamento de Carminha ou quando Conceição, em “A Regra do Jogo”, revela para todos os convidados, em pleno casamento da patroa, que seu marido é o pai dos filhos dela.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar as histórias nas três telenovelas, de forma geral, observamos que a construção das personagens, bem como suas relações sociais, reproduzem estereótipos de gênero, raça e classe, naturalizando uma divisão sexual e racial do trabalho que é fruto da desigualdade estrutural entre homens e mulheres, especialmente em países com histórico de colonização como o Brasil. A superioridade do rico sobre o pobre e do branco sobre o negro também é naturalizada, e algumas vezes ridicularizada, perpetuando preconceitos existentes no seio da sociedade brasileira. A objetificação dos corpos das mulheres, vistos como disponíveis para o sexo ou para o trabalho é uma das maiores críticas aos papéis desempenhados pelas trabalhadoras domésticas.

Mais do que buscar “o melhor sentido da representação”, o que se mostraria pouco produtivo (MAIA, 2018, p. 70), estivemos interessadas em compreender as relações entre representação midiática e significados sociais e culturais a partir da análise das personagens trabalhadoras domésticas em novelas do horário nobre (21h) exibidas durante e após a discussão e posterior aprovação da PEC das Domésticas, considerando as telenovelas como bens simbólicos fincados no cotidiano e que também incidem sobre ele ao tematizar e problematizar questões sociais. Observamos que elas adquirem de modo bastante pontual e limitado um caráter pedagógico em relação aos direitos das trabalhadoras domésticas.

Em geral, as personagens são secundárias, destituídas de uma discussão mais profunda a respeito de suas posições na sociedade e identidades enquanto mulheres/negras, principalmente exercendo a função de trabalhadoras domésticas. A vida delas se concentra em torno, principalmente, da trama dos patrões e só ganha destaque quando há algum fato ligado à história deles. Nessas situações, concluímos que há distinções importantes entre o desenvolvimento de persona-

gens trabalhadoras domésticas negras e brancas e que relações opressivas são reproduzidas quando a trabalhadora doméstica branca se torna patroa de uma trabalhadora negra. Contudo, isso não se dá sem conflitos.

Observamos que as telenovelas, apesar de possuírem o caráter de entretenimento, também podem assumir o papel crítico e pedagógico de trazer à tona questões pertinentes ao cotidiano da sociedade. No entanto, é necessário avançar muito nas discussões sobre o tratamento dispensado às trabalhadoras domésticas nas telenovelas para que revelem os tensionamentos e estimulem o olhar crítico aos estereótipos, fomentando a reflexão e posterior aprendizagem e transformação, principalmente após aprovação da lei que amplia os direitos das trabalhadoras domésticas.

## REFERÊNCIAS

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luis Felipe. (2015). Gênero, raça, classe: opressões cruzadas e convergências na reprodução das desigualdades. *Mediações-Revista de Ciências Sociais*, 20.2: 27-55.

BRASIL. Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010. *Institui o Estatuto da Igualdade Racial*; altera as Leis nos 7.716, de 5 de janeiro de 1989, 9.029, de 13 de abril de 1995, 7.347, de 24 de julho de 1985, e 10.778, de 24 de novembro de 2003. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2010/Lei/L12288.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12288.htm)>. Acesso em: 27 Abr 2020.

BRITES, Jurema Gorski. Trabalho doméstico: questões, leituras e políticas. *Cadernos de pesquisa*, 43.149: 2013, p.422-451.

\_\_\_\_\_. *Afeto, desigualdade e rebeldia: bastidores do serviço doméstico*. 2000. Tese de Doutorado em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

CAL, Danila. *Comunicação e Trabalho Infantil Doméstico: política, poder, resistências*. Salvador: Edufba/Compós, 2016.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. *Estudos avançados*, 17.49: 2003, p. 117-133.

\_\_\_\_\_. *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*. São Paulo. Selo Negro, 2011.

CONRADO, Mônica Prates. A questão racial no Brasil sob a perspectiva de Gilberto Freyre e Florestan Fernandes. *Humanitas*, v. 20, n. 1/2, 2004, p. 83-98.

CONRADO, Mônica; CAMPELO, Marilu; RIBEIRO, Alan. Metáforas da cor: morenidade e territórios da negritude nas construções de identidades negras na Amazônia paraense. *Afro-Ásia*, n. 52, 2015.

DANTAS, Luísa Maria Silva. *As domésticas vão acabar?: Narrativas biográficas e o trabalho como duração e interseção por meio de uma etnografia multi-situada: Belém/PA, Porto Alegre/RS e Salvador/BA*. 2016. Tese de Doutorado em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. Boitempo Editorial, 2016.

DO NASCIMENTO, Abdias. *O genocídio do negro brasileiro processo de um racismo mascarado: processo de um racismo mascarado*. Paz e Terra, 1978.

FARIA, Maria Cristina; FERNANDES, Danubia. Representação da identidade negra na telenovela. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, *E-Compós*, vol. 9, 2007.

FIGUEIREDO, Angela. A marcha das mulheres negras conclama por um novo pacto civilizatório. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón. *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019, p. 203-222.

FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 231-249.

GOMES, Lauro Felipe Eusébio. Ser Pardo: o limbo identitário-racial brasileiro e a reivindicação da identidade. *Cadernos de Gênero e Diversidade*, v. 5, n. 1, 2019, p. 66-78.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, 2.1, 1984, p. 223-244.

HAMBURGER, Esther. Telenovelas e interpretações do Brasil. *Lua Nova*, São Paulo, 82: 2011, p. 61-86.

\_\_\_\_\_. *O Brasil antenado: a sociedade da novela*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar. 2005.

HIRATA, Helena. Mulheres brasileiras: relações de classe, de “raça” e de gênero no mundo do trabalho. *Confins. Revue franco-brésilienne de géographie/ Revista franco-brasileira de geografia*, 2016, 26.

hooks, bell. Mulheres negras: moldando a teoria feminista. *Revista Brasileira de Ciência Política*, v. 16, 2015, 193-210.

\_\_\_\_\_. *Olhares Negros: raça e representação*. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo. Telenovela brasileira: uma narrativa sobre a nação – construção de sentidos sobre discursos da vida pública e da vida privada brasileira passam pela telenovela. *Comunicação & Educação*. São Paulo, n. 26, 2003, p. 17-34, jan/abr.

MACEDO, Renata Mourão. Espelho mágico: produção e recepção de imagens de empregadas domésticas em uma telenovela brasileira. *Cadernos Pagu*, 2016, ISSN 1809-4449.

MACHADO, Arlindo. *A televisão levada a sério*. São Paulo: Editora Senac. 2000.

MAIA, Rousiley. Representação na mídia, construção da identidade e conflitos sociais: por uma abordagem teórica do reconhecimento. In: MAIA, Rousiley. *Mídia e Lutas por Reconhecimento*. São Paulo: Paulus, 2018, p. 59-86.

MATTELART, Michèle e Armand. *O carnaval das imagens: a ficção na TV*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

MAURO, Rosane. *A construção discursiva televisual da mulher popular na telenovela: um estudo sobre as personagens de Avenida Brasil e A Regra do Jogo*. 2019, 316f. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação. Universidade de São Paulo. Disponível em: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27152/tde-11062019-170554/pt-br.php>>. Acesso em 01 ago. 2020.

MEIRELLES, Clara Fernandes. Entrevista com Maria Immacolata Vassallo de Lopes. *E-compós*, Brasília, v. 11, n. 2, maio/ago, 2008.

MOTTER, Maria Lourdes; JAKUBASZKO, Daniela. Telenovela e realidade social: algumas possibilidades dialógicas. *Comunicação & Educação*, v. 12, n. 1, 2007, p. 55-64.

NASCIMENTO, Beatriz. A mulher negra no mercado de trabalho. In: DE HOLANDA, Heloísa Buarque (org.). *Pensamento Feminista Brasileiro: Formação e contexto*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

OLIVEIRA, Dennis de; PAVAN, Maria Angela. Identificações e estratégias nas relações étnicas na telenovela “Da Cor do Pecado”. *Revista RAÇA BRASIL*. n. 73, 2004.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO - OIT. *PNAD Contínua Trimestral do IBGE*. Disponível em: <<https://www.ilo.org/brasil/temas/trabalho-domestico/lang-pt/index.htm>>. Acesso em: 08 Nov 2019.

SAFFIOTTI, Heleieth Iara Bongiovani. *O poder do macho*. São Paulo. Editora Moderna, 1987.

WESCHENFELDER, Viviane Inês; SILVA, Mozart Linhares da. A cor da mestiçagem: o pardo e a produção de subjetividades negras no Brasil contemporâneo. *Análise Social*, n. 227, 2018, p. 308-330.